



FAMÍLIA/ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DO DIÁLOGO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cristiane Salete Mitzko dos Santos (Acadêmica do 3º ano do curso de Pedagogia da UNESPAR/UV). Grasiela Pereira da Silva de Castilhos (Professora do curso de Pedagogia UNESPAR/UV. Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná).

Contato: saletemitzko@hotmail.com
grasicastilhos@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo ponderar sobre a relação entre família e escola e as possíveis contribuições dessa relação dialógica para o processo de ensino e aprendizagem. O processo educacional não ocorre de forma rápida, pelo contrário, é um processo contínuo e que exige empenho não somente dos professores, equipe pedagógica, mas também a participação da família. Quando os familiares participam do desenvolvimento escolar, aumentam significativamente as possibilidades de realização de um bom trabalho uma vez que a relação dialógica permite a troca de conhecimento entre familiares e profissionais. Foi adotado o referencial de Ariès (1986), Goergen (2010) e Sambrano (2010), para compreender a relação estudada. O percurso metodológico seguiu a pesquisa bibliográfica e de campo, empregando como instrumento de coleta de dados uma entrevista com os pais e professores dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola do município de União da Vitória/PR. Por meio do desenvolvimento desta pesquisa, percebe-se que não se pode falar em uma educação de qualidade, sem repensar a importância da comunicação no sistema educacional, pois o diálogo se constitui um pilar importante no auxílio do processo de ensino e aprendizagem, bem como na ligação entre família e escola.

Palavras-Chave: Escola. Família. Aprendizagem. Diálogo.

INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos as famílias passaram por inúmeras transformações, tanto comportamentais quanto em sua estrutura, necessitando adaptarem-se as mudanças da

sociedade. Dessa forma, as instituições ligadas a família também tiveram que passar pelo mesmo processo, e entre estas está a escola, que quebrando paradigmas, construindo a ligação entre família e escola para que ambas instituições possam refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem. Compreendendo a importância do bom relacionamento entre família e escola para efetivo desempenho escolar das crianças, aumentando as possibilidades de fazer um bom trabalho, uma vez que permitido a troca de conhecimento entre familiares e profissionais em relação as crianças.

O processo de ensino e aprendizagem não ocorre de forma rápida, pelo contrário, é um processo contínuo e que exige empenho não somente dos professores, equipe pedagógica escolar, mas também a participação da família. Este vínculo entre família/escola, necessita ter como base o diálogo visando sempre o bem-estar da criança. Quando os familiares participam de todo processo educacional há possibilidades de melhores resultados na aprendizagem, sendo assim, as duas instituições precisam entrar em acordo, visando alcançar os mesmos objetivos.

Neste contexto o diálogo se torna a principal metodologia na relação família e escola, onde ambos se expõem colocando seus pontos e questionamentos, focados sanar as dificuldades dos alunos, uma vez que as escolas possuem o direito de encaminhar seus alunos a outros profissionais como psicólogos, fonoaudiólogo e neurologistas, porém, sempre estando em consentimento e com autorização dos pais ou responsáveis.

Através do diálogo constante entre família e escola, é possível compreender melhor as crianças, suas vivências, abrangendo suas potencialidades, gostos e suas dificuldades. A relação dialógica, contribuirá para aprimorar o processo de “cuidar e educar” os educandos. Ao cuidar de uma criança estamos educando, demonstrando-lhe afeto, carinho, segurança e transmitindo-lhe valores, o mesmo ocorre quando educamos. Esta ligação entre família e escola, reflete em segurança, responsabilidade e comprometimento, com o processo de ensino e aprendizagem.

A presente pesquisa tem como problema responder a seguinte indagação: o diálogo entre família e escola, influencia no processo de ensino e aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental?

Neste contexto, este artigo empregou a base teórica de Ariès (1986), Goergen (2010) e Sambrano (2010), para compreender a importância de refletir sobre a relação dialógica entre família e escola.



1 A HISTÓRIA DA INFÂNCIA E DA FAMÍLIA AO LONGO DO TEMPO

No contexto histórico do atendimento a infância, percebemos o quanto a educação da criança estava voltada as expectativas dos adultos, e atrelada ao contexto histórico social ao qual pertencia.

A antiguidade foi destacada pelo surgimento de dois modelos opostos de educação, um pertencia a Atenas e outro a Esparta. Para os espartanos a educação deveria ser voltada aos interesses de guerrilha, portanto quando o menino completava seus sete anos de idade, não pertencia mais a sua família e sim ao seu Estado “[...] o espartano vivia permanentemente com a espada em punho [...]” (PONCE, 1981, p.40).

Percebemos que a criança não tinha tempo para ser “criança”, sua infância era logo interrompida por ordem do Estado, a mesma era retirada do seio de sua família e deveria servir aos seus superiores desde muito cedo. A instrução dada aos pequenos “civis” espartanos não era ligada a nenhum tipo de alfabetização, o direcionamento era voltado para a força e coragem, ligados a guerra. Neste sentido Ponce (1981, p.41), descreve que “Era tal o desprezo que votavam a tudo que não fossem “virtudes” guerreiras, que os jovens estavam proibidos de se interessarem por qualquer assunto que pudesse distraí-los dos exercícios militares [...]”.

Mas no decorrer da história Cambi (1999) informa que Esparta, ao entrar em conflito com Atenas na longa Guerra de Peloponeso (451-404 a.c), saiu enfraquecida e entrou em rápido declínio. Por algum tempo ainda manteve seus ideais e costumes, mas aos poucos foi superada por uma civilização mais evoluída, baseada no intercâmbio e na escrita.

Logo, em Atenas a educação da criança era voltada aos saberes políticos, para que se tornassem governantes, e transmitissem ao povo o amor as instituições, aos deuses e a sua própria pátria, tornando assim a cultura ateniense em algo voltado à escrita. Adentro em mundo mais letrado, via-se a necessidade de uma educação mais humana e alegre, adentrava-se aqui a *paidéia*, descoberta ateniense e grega, tornando-se a noção-base da pedagogia antiga.

“Os sofistas, portanto, indicam uma dupla virada na cultura grega: uma atenção quase exclusiva para o homem e seus problemas [...]” (CAMBI, 1999, p. 85). A partir desse contexto o homem começa a se tornar sujeito de sua própria história, onde sua cultura e vida principiam um novo modelo de educação, uma educação mais humanista.

Partimos desse contexto histórico onde a criança era moldada pelo Estado a fim de que se tornasse digno de nele pertencer, e nos deparamos com uma visão de educação mais familiar. Em Roma o pai era o centro da família, Marrou (1971, p. 362) discorre que:

“[...] elucida que cabia a mãe o dever de cuidar da educação física e moral de seu filho até os sete anos de idade, desta faixa etária em diante era o pai quem deveria assumir a educação do filho, visto que ele era considerado o verdadeiro educador e responsável por formar *civis romanus*”.

A concepção da educação em Roma mostrou em primeira instância um ideal moral, “[...] o essencial é formar a consciência da criança ou do jovem, inculcar-lhe um sistema rígido de valores morais, reflexos seguros, um estilo de vida [...]” (MARROU, 1971, p.365).

Os romanos acabaram influenciados pela cultura grega, neste sentido:

[...] tratava-se não de educação nacional, local, mas de ensino de tipo universal, *humanístico*, diríamos hoje, baseado em cultura alheia superior, a servir de inspiração. Conservaram-se ainda algumas das qualidades da antiga educação romana, mas em geral predomina espírito mais liberal, dentro, sempre, da estrutura do Estado (LUZURIAGA, 1984, p.62).

Após breve esclarecimento sobre como a criança era vista e tratada na antiguidade, salientamos a seguir a educação da criança na Idade Média.

Segundo Ariés (1986, p.156) em sua obra “História Social da Infância e da Família” afirma que na sociedade Medieval a criança não era vista como ser social e histórico, nem mesmo aparecia no contexto familiar, ela só era vista como integrante da mesma quando não necessitava mais dos cuidados de sua mãe ou ama como podemos entender:

Na sociedade medieval, que tomamos como partida, o sentimento da infância não existia- o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.

Até mesmo suas vestes não eram diferenciadas dos adultos, as crianças eram precocemente inseridas na fase adulta e assim iniciava sua vida no seio familiar. Conforme Ariès (1986, p. 69):

[...] o traje da época comprova o quanto a infância era tão pouco particularizada na vida real. Assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como outros homens e mulheres de sua condição.

Com o passar do tempo a criança começa a ganhar espaço no contexto familiar e por volta do século XVII, surge um novo sentimento da infância, onde era motivo de divertimento para os seus familiares. A partir dessa conjuntura a criança começa a ser notada pelas

peças que a rodeiam, principalmente por aqueles que pertenciam a sua família. Suas especificidades passam a ser motivos de preocupação, interesse e estudo. A criança começa a ganhar o espaço na família e também na sociedade. Percebemos em Ariès (1986, p.162):

É entre os moralistas e os educadores do séc. XVII que vemos formar-se esse outro sentimento da infância [...] que inspirou toda a educação até o século XX, tanto na cidade como no campo, na burguesia como no povo. O apego à infância e à sua particularidade não se exprimia mais através da distração e da brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral.

A partir desse contexto histórico percebemos que a criança começa a ser centro de preocupações, sua realidade entra em uma fase de transição, onde no início era esquecida e introduzida ao mundo dos adultos sem quaisquer diferenciações, para agora onde sua existência é motivo de indagação e inquietação. Notamos essa passagem na fala de Ariès (1986, p.164):

Tudo o que se referia às crianças e à família tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família.

Percebemos que a compreensão que se tinha sobre a criança era de longe a visão que temos atualmente sobre a mesma, neste sentido percebemos a importância de estar atento a todos os fatores que contribuem para seu crescimento, seja moralmente, fisicamente ou psicologicamente.

2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO CONTEXTO ESCOLAR

A família é a primeira instituição com a qual a criança tem contato, é nela que o sujeito busca compreender as razões de ser e estar no mundo, é ela quem corrobora com a identificação de sua identidade e personalidade, como vemos em Sambrano, (2010, p.141):

Na sociedade em geral, a família determina as dimensões das práticas educativas direcionadas às crianças e, antes disso, é o primeiro ambiente no qual se desenvolve a personalidade do ser humano e o primeiro contexto de aprendizagem para as pessoas.

É preciso compreender que a família é uma instituição social e histórica, e que suas características mudam de acordo com as transformações sociais, contudo ela ainda continua sendo primordial ao bom desenvolvimento social e psicológico da criança. Neste



sentido Sambrano, (2010, p.141) aponta que: “apesar das transformações por que passam as famílias, elas continuam sendo a chave para o desenvolvimento do ser humano e fonte primordial para a construção da identidade pessoal e social”.

Neste entendimento, independente do modelo familiar, o primeiro contato que a criança estabelece com o mundo desde o seu nascimento advém do meio familiar, seja ele de qualquer configuração, com os mais diversos tipos de composições familiares, transmitindo à criança noções, maneiras de ser, de agir e de sentir, ainda que outros espaços exerçam papel socializador sobre a criança.

Compreende-se que a partir do século XVII a escola assume a educação formal do cidadão, e nessa inter-relação surge à preocupação dos professores com o acompanhamento mais próximo e significativo dos pais junto aos seus filhos.

Historicamente as primeiras instituições destinadas ao atendimento das crianças, possuíam um caráter basicamente assistencial, voltadas às crianças geralmente carentes, cujas mães necessitavam trabalhar e não tinham com quem deixar seus filhos, recorrendo, portanto, às instituições. Conforme afirma Valle (2010, p. 25):

[...] historicamente, o desenvolvimento da Educação Infantil no Brasil passou pela defesa de uma concepção de atendimento em creche e jardins de infância mais assistencialistas do que educativa sendo sempre a classe social da criança.

A educação das crianças pequenas no Brasil iniciou-se com caráter assistencialista. Somente na metade do século XIX, em decorrência do capitalismo com as recém-criadas fábricas, as mães das classes operárias precisavam de lugar para deixar os seus filhos menores durante o período de trabalho.

Conforme salienta Valle (2010), a questão da alimentação, higiene, segurança física, eram as maiores preocupações. Nesse período as instituições, eram filantrópicas, geralmente ligadas a igreja e com o objetivo de cuidar das crianças provenientes da classe trabalhadora, e que não tinham um lugar para ficar enquanto suas mães trabalhavam.

Neste entendimento, advém a necessidade de uma instituição que oferecesse continuidade na educação da criança, no sentido de contribuir com o desenvolvimento da criança, juntamente com a ação da família. Nessa concepção, a família passa a desenvolver uma relação de parceria com as instituições dedicadas à educação das crianças.

Segundo o Artigo 227 da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e regulamentado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/1990, a criança é defendida como um sujeito que possui direito a um atendimento de qualidade, portanto, concebida como sujeito de direitos.



Nesse entendimento, além de considerar as crianças como pessoas que têm direito a um ambiente favorável de aprendizagem entende-se a necessidade do diálogo entre instituição e família.

Destacamos a importância da família no contexto escolar quando percebemos a escola como transmissora de valores morais e sociais, interligando os papéis entre família e escola. Pois como nos fala Áries (1986, p. 277) “A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos”. Assim, podemos notar como as duas instituições são responsáveis pelo crescimento da criança, seja nos aspectos físicos morais ou sociais.

Com o entendimento que se começava a ter a respeito das crianças e principalmente do seu desenvolvimento intelectual, família e escola passaram a desempenhar papéis fundamentais na vida desses pequenos seres humanos. Constatamos em Áries (1986, p. 277):

Essa nova concepção com a educação pouco a pouco iria instalar-se no seio da sociedade, e transformá-la de fio a pavio. A família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas.

A partir desse âmbito podemos perceber o quanto a instituição familiar é importante para o contexto escolar, pois ambas influenciam e desencadeiam atitudes que sobressaem na sociedade, são instituições de caráter social, e que quando seguem juntas transformam a sociedade através do indivíduo que ensinam. Neste sentido destacamos Áries (1986, p. 276) “Hoje, nossa sociedade depende e sabe que depende do sucesso de seu sistema educacional. Ela possui um sistema de educação, uma consciência de sua importância”.

Ressaltamos que as instituições, família e escola exercem atividades importantes e diferentes, porém complementares entre si, sendo assim a relação entre elas é indispensável, mas também complexa e desafiadora (SAMBRANO, 2010).

A contribuição da escola se dá através das diversas interações que ocorrem dentro do estabelecimento de ensino, na troca de saberes professor-aluno e vice-versa, destacamos Freire (2009, p.26) “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”.

Através das relações o aluno constrói suas representações sobre o mundo, e associa o que lhe foi ensinado no âmbito escolar as suas vivências diante da sociedade. De acordo com Sambrano (2010, p.139) “[...], mas sobretudo por serem espaços privilegiados e, frequentemente únicos, nos quais a vida cotidiana infantil acontece”.



Evidenciamos nesse sentido o quanto a escola associada com a família, é de absoluta importância para o desenvolvimento da criança, pois essa parceria é fundamental para a criança encontrar o que é preciso para se tornar um adulto mais comprometido, honesto e justo.

3 O DIÁLOGO COMO FATOR CONTRIBUTIVO PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

As ações desenvolvidas na escola muitas vezes fracassam por não haver uma relação efetiva entre professor/aluno e família/escola. Ambas divergem muito sobre a aprendizagem da criança, deixam de lado o diálogo (promissor para um bom desempenho escolar), dificultando a aprendizagem dos alunos. Goergen (2010, p. 39-40) nos fala a respeito:

A ação comunicativa, usando a linguagem como meio de comunicação que serve ao entendimento, representa um processo cooperativo de interpretação. Esse processo, cujo foco de interesse é a conduta social humana, é impossível de ser realizada solipsisticamente, exatamente por se tratar de ação comunicativa.

Sendo assim é preciso que essa ação comunicativa seja realizada por mais de um indivíduo, e que este sujeito esteja racionalmente aberto ao entendimento do que lhe será falado, pois, a interpretação que o mesmo fizer sobre o diálogo, influenciará suas decisões e atitudes perante o assunto/problema tratado.

E quando se aborda sobre o diálogo entre família e escola, o assunto é a aprendizagem do aluno, é preciso que ambos compatibilizem das mesmas ideias e conclusões, a fim de atingirem o mesmo objetivo: a excelência da aprendizagem por meio do aluno. Neste sentido Goergen (2010, p, 46) discorre que “No diálogo é necessário encontrar formas que, [...] saiba intermediar a proximidade e a distância, encontrando formas de convivência baseadas [...], no compromisso e na abertura”.

O diálogo é o meio de comunicação mais eficaz no âmbito escolar, por meio dele é possível estabelecer metas entre professor/aluno e família/escola, possibilitando ao educador compreender melhor seu educando e junto com a família propiciar, maneiras eficazes de aprendizagem. A comunicação então se torna imprescindível, é por meio dela que contatos são estabelecidos, é pela compreensão da mesma que o aluno alcançará os objetivos propostos, pois quando família e escola conversam utilizando a mesma linguagem o sucesso ao ser alcançado pelo aluno se dá de maneira mais fácil e eficaz.



Nesta perspectiva Goergen (2010, p. 77) relata que:

O fortalecimento da dimensão comunicativa da práxis educativa, que o corre por intermédio das ações motivadas racionalmente e orientadas pelo entendimento, deve converter a escola em um espaço de interação comunicativa com uma ação pedagógica orientada para a formação de competências comunicativas, que possam transformar os educandos em sujeitos competentes para agir comunicativamente.

Entender o diálogo como processo enriquecedor do trabalho pedagógico é transformar a educação em aprendizagens mais significativas. Neste sentido Szymanski, (2007, p. 35) nos fala que:

[...] significa instaurar um pensar crítico; mostrar sensibilidade e abertura para compreender o outro; ter confiança na sua capacidade de compreensão; estar disponível para criar novas soluções; considerar os fundamentos éticos da educação; transmitir o conhecimento e a interpretação do mundo.

Propiciar momentos em que a comunicação é valorizada no contexto escolar permite que a aprendizagem do aluno seja de fato mais significativa, em uma troca de experiências faladas e vivenciadas a contribuição para o desenvolvimento se dá através do ato de refletir e de agir sobre os sujeitos diretamente interessados “Do processo da interação surge a ação educativa e, [...], constituição das potencialidades histórico-geográficas, formação da subjetividade e da identidade” (GOERGEN, 2010, p. 83).

Portanto, pais e professores precisam ter em mente o quão importante é o ato de dialogar, e transformar essa ação em uma prática mais eficaz e qualitativa, evidenciando as pessoas endereçadas o fator contribuinte. Assim Kullo (2002, p. 17) vem de encontro com a fala “[...] valoriza-se o desenvolvimento das relações sociais entendendo que é fundamental criar uma interação entre aquele que ensina e aquele que aprende sob a pena da aprendizagem não ocorrer”.

Neste sentido o professor necessita refletir sobre sua prática pedagógica, rever como está trabalhando com seus alunos e tornar o ambiente mais favorável para uma aprendizagem mais rica e significativa, incluindo a família nessa proposta, a fim de estabelecer um vínculo enriquecedor, com o propósito de melhorar o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Conforme nos remete Brandão (2002, p.43):

[...] valoriza o diálogo e a busca de entendimento e compreensão entre as pessoas, pois, quando somos acostumados a dialogar e expor nossos sentimentos em diferentes situações, provavelmente temos maiores e melhores condições para viver um contínuo processo de avaliação e crescimento além de ampliar a qualidade das nossas relações intra e interpessoais.



Portanto, é por meio da interação e diálogo com o outro que buscamos nos aperfeiçoar e melhorar, sendo assim quando pais e professores que dialogam o mesmo assunto em relação ao seu filho/aluno, conseqüentemente a criança consegue superar de modo mais efetivo seus problemas e dificuldades, pois juntos ambos buscam a forma mais eficaz de auxiliar a criança.

4 METODOLOGIA

O método utilizado para a elaboração da pesquisa é de cunho quantitativo, que se vale da coleta de dados através da entrevista semiestruturada, atrelada à pesquisa qualitativa que conforme Minayo e Sanches (1993), transforma a fala em matéria prima, valendo-se da linguagem utilizada pelos entrevistados.

As reflexões, que serão pontuadas, surgiram a partir de uma entrevista realizada com professores do 1º ao 5º ano e pedagoga de uma escola particular de ensino fundamental, e também com os pais dos alunos do 5º ano da mesma escola, durante o primeiro bimestre de 2017, no município de União da Vitória/PR.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

As entrevistas apresentam como objetivo primordial, analisar qual a contribuição do diálogo para a construção e aprimoramento da aprendizagem, e a participação da família na construção deste processo.

A partir das tabelas abaixo, observamos as respostas dos professores participantes da pesquisa:

Tabela 1 – A escola onde você atua como educador (a) promove encontros que possibilitam o contato entre escola e família?

CATEGORIA	FREQUÊNCIA
Sim	6
Não	0

Fonte: Dados da Pesquisa



Tabela 2 – Descreva em quais atividades escolares a família participa do processo educacional?

CATEGORIA	FREQUÊNCIA
Reuniões de pais	6
Semana da família	6
Datas comemorativas	1
Apresentações festivas	3
Horário de entrada e saída das crianças na escola	2
Promoções realizadas pela escola	2
Atividades escolares realizadas em casa	1

Fonte: Dados da Pesquisa

Tabela 3 – Professor (a), a partir de seu conhecimento profissional, descreva sua experiência sobre o diálogo e desta forma a contribuição dessa ferramenta para o processo de formação escolar.

CATEGORIA	FREQUÊNCIA
Diálogo como parceria	2
Ferramenta que auxilia na solução de problemas	2
Diálogo ato de comunhão, parte do processo histórico	1
Diálogo como processo de interação entre família/ escola e equipe pedagógica	3
A relação entre escola e família não pode ser dicotomizada pois dependem uma da outra para obter resultados positivos	1
Diálogo contribui para uma aprendizagem mais significativa	3

Fonte: Dados da Pesquisa

Através das respostas obtidas com as professoras e pedagoga da escola, percebe-se a importância que o diálogo tem no ambiente escolar, sendo este abordado com grande ênfase. Para a maioria das educadoras o diálogo torna-se uma ferramenta que auxilia de modo mais efetivo a aprendizagem significativa da criança, o que torna a parceria entre família e escola mais efetiva. Nesta perspectiva vemos em Goergen (2010, p. 113) que: “A ação educativa parte da linguagem e nela encontra-se sua legitimidade, exigindo e possibilitando a interação dialógica de todo ser humano como ser livre e solidário na solução racional dos problemas da vida”.

Neste sentido podemos perceber que no âmbito escolar, a utilização do diálogo se faz necessário a fim de que dificuldades sejam solucionadas, no contexto escolar a aprendizagem. Assim quando a parceria entre escola e família é pautada por meio do diálogo a aprendizagem acontece de forma mais concreta.

Observemos a seguir as respostas obtidas dos pais dos alunos do 5º ano de uma escola localizada no município de União da Vitória/PR, os resultados serão expostos por meio de tabelas.

Tabela 4 – Com que frequência você participa da vida escolar de seu filho?

CATEGORIA	FREQUÊNCIA
Diariamente	5
Sempre	3
Nas reuniões da escola	1

Fonte: Dados da Pesquisa

Tabela 5 – Como é efetuado o diálogo entre a família e escola?

CATEGORIA	FREQUÊNCIA
Reuniões e por meio da agenda escolar	7
Entre pais e professores	2
Pessoalmente na entrada e saída da escola	3

Fonte: Dados da Pesquisa

Tabela 6 – Em sua opinião, qual a responsabilidade da família no processo escolar?

CATEGORIA	FREQUÊNCIA
Obrigação de educar o filho e auxiliar a escola no processo de aprendizado.	5
A responsabilidade da família tem o mesmo valor que a escola, a participação da família é muito importante.	3
Orientar a criança para que se dedique ao estudo.	1

Fonte: Dados da Pesquisa

Tabela 7 – Para você, o diálogo entre pais e professores influencia na aprendizagem do aluno? Se sim, de que maneira?

CATEGORIA	FREQUÊNCIA
Sim. Parceria entre escola e família são fundamentais para o processo ensino-aprendizagem.	6
Sim. O diálogo é a ponte de união entre família e escola.	2
Com certeza. O diálogo entre as duas partes dá o equilíbrio ao todo.	1

Fonte: Dados da Pesquisa



Apesar de todas as mudanças e remodelamentos da família durante o passar dos anos, é importante ressaltar que a mesma ainda se faz participativa em atividades escolares, desta forma, percebemos mais uma vez a importância do diálogo entre escola e família.

A comunicação passa a ser indispensável nesta relação seja pelo diálogo ou através de outros meios comunicativos, como agendas escolares e redes sociais. Sendo assim, a família se apresenta de maneira frequente quanto mais informações receberem de seus filhos e até mesmo da instituição de ensino.

Neste sentido Goergen (2010, p. 46) discorre que “A prática do diálogo não se institui por decreto. Ela pressupõe a capacidade de [...] contra argumentar e fundamentar por parte daqueles que são responsáveis pelo processo educativo”.

Assim a comunicação da família com a escola também é algo importante nesta relação, pois o professor e a equipe pedagógica devem sempre estar informados sobre o aluno, sabendo que assuntos pessoais do aluno também são itens que por vezes comprometem o processo de ensino, dessa forma, o diálogo vem mais uma vez de encontro à escola para um equilíbrio entre ambos em prol da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do desenvolvimento desta pesquisa, percebe-se que não se pode falar em uma educação de qualidade, sem repensar a importância da comunicação no sistema educacional, este vem a ser um pilar importante no auxílio do processo de ensino e aprendizagem, bem como na ligação entre família e escola.

É imprescindível que haja a comunicação no ambiente escolar, a partir deste ponto, questões podem ser solucionadas e ideias colocadas em pauta para que então haja acordo entre ambas as partes, visando o bem estar do aluno em questão no processo de ensino, ou seja, quando ambas as partes fazem uso da comunicação e do diálogo, as chances de melhora na assimilação da criança em sala de aula, só tendem a melhorar, e conseqüentemente este será um cidadão crítico e participativo nos assuntos educacionais propostos pela sociedade ao seu redor.

A participação da família na escola também é importante neste processo, pois com base nas observações, é ainda mais próximo a resolução de pontos pendentes, como por exemplo a interação dos alunos, nos avisos em agendas escolares, redes sociais, eventos da escola, reuniões e etc.



Com base nos dados coletados nesta pesquisa podemos perceber que o diálogo é a ponte para a relação entre família e escola, pois o processo de ensino e aprendizagem não ocorre somente na sala de aula e por meio da relação professor e alunos, mas sim por meio de um todo, equipe pedagógica, gestão e comunidade escolar. Somente desta forma é possível a construção de uma educação de qualidade e uma escola interativa, que aceita e respeita as opiniões e críticas construtivas que recebe.

REFERÊNCIAS:

- ÁRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Guanabara S.A, 1986.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.
- BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069/90, de 13 de julho de 1990. São Paulo: CBIA-SP, 1991.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- COSTA, Leila Pessôa da; SANTA BÁRBARA, Rubiana Brasília. A educação da criança na idade antiga e média. In: **VII Jornada de Estudos Antigos e Medievais, VI Ciclo de Estudos Antigos e Medievais do PR e SC**. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2008/pdf/c008.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- GOERGEN, Pedro (Org). **Educação e diálogo**. Maringá: Eduem, 2010.
- KULLOK, Maisa Gomes Brandão (Org). **Relação professor- aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: EDUFAL, 2002.
- LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. 15^a ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1984.
- MARROU, Henri-Iréné. **História da educação na antiguidade**. 2^a ed. São Paulo. Cortez/ Autores Associados, 1981.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. **Métodos Qualitativos e Quantitativos: oposição ou complementariedade?** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1993.
- PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 2^a ed. São Paulo: Cortez/autores associados, 1981.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **Comprender e transformar o ensino**. Artmed,1998.
- SAMBRANO, Tacianara Mirna. **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?** Campinas, SP: Ed. Alínea, 2010.
- SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/ escola: desafios e perspectivas**. 2^a ed. Brasília: Liber livro, 2007.
- VALLE, Luciana Rocha de Luca Dalla. **Fundamentos da Educação Infantil**. Curitiba: Fael, 2010.